

## **O que é a escrita da história na escola? Uma abordagem discursiva da escrita histórica escolar**

Helenice Aparecida Bastos Rocha\*

### **Resumo**

Pesquisas que se voltam para a escrita da história escolar, ou seja, o conhecimento histórico que circula na escola, tendem a privilegiar a escrita presente nos livros didáticos, por conta de sua tradição, estabilidade e facilidade de acesso às fontes. Neste texto faço um exercício de organização de uma tipologia de gêneros que circulam pela escola, procurando compreendê-los em sua dimensão discursiva. Para isto, utilizo corpora de textos inéditos, recolhidos em uma escola pública e outra privada. Para além da organização tipológica, a busca é de compreender como o conhecimento histórico se constitui nesses textos, a partir de alguns textos analisados. O referencial teórico utilizado para a organização tipológica é a proposta bakhtiniana para os gêneros discursivos e os elementos para a análise dos textos em sua dimensão especificamente historiográfica são buscados em Chartier, Hébrard e Prost.

**Palavras-chave:** escrita, tipologia, conhecimento histórico escolar.

### **Abstract**

Research concerned with the writing of History in school settings – the historical knowledge which circulate in schools – tends to privilege the type of writing found in textbooks, given their tradition, steadiness and easily accessible sources. In this paper, I will present an exercise of building a typology of the genres which circulate in schools, assessing these genres from a discursive perspective. In order to do so, I use a corpora consisting of original texts, compiled from a public and a private school. Besides organizing a typology, this study seeks to understand how historical knowledge is build up in these texts. The exercise of typological organization is based on the Bakhtinian Theory of Speech Genres. As for the study's historiographic dimension, the analytical tools are found in Chartier, Hébrard e Prost.

**Keywords:** writing, typology, school historical knowledge.

A escrita povoa a escola e a sala de aula. Ela está nos murais, na identificação de espaços, no quadro negro que o professor usa em apoio a suas aulas, nos cadernos, livros e folhas utilizados durante a aula, nas agendas escolares, no computador cada vez mais presente no ambiente escolar, nos grafites que marcam as carteiras escolares e até na documentação da secretaria. Assim, podemos afirmar que a escrita, na forma de manuscritos ou impressos, povoa a escola e a sala de aula neste início de século XXI.

Essa ocupação da escola pela escrita ocorre em um processo que se explica inicialmente porque a escola é o espaço formal da aprendizagem da escrita e das formas escolares de transmissão do conhecimento, onde a leitura, a escrita manuscrita de cópias e os exercícios ganham sentido no acesso planejado ao conhecimento escolar para além da exposição didática do professor, aprofundando conhecimentos.

---

\* Prof<sup>a</sup>. Doutora -: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A escrita de cadernos escolares já tem sido alvo de pesquisas e reflexões no campo da história da educação. Autores como Jean Hébrard e Ane Marie Chartier mostram o que pode ser antevisto das práticas escolares em diferentes séculos, tratando o caderno como fonte documental da escrita ordinária (HÉBRARD, 2001; CHARTIER, 2007) . Hébrard nos inspira a buscar a aplicação das técnicas da bibliografia material à história dos usos do impresso e dos manuscritos ordinários (HÉBRARD, 2001: 125).

Neste trajeto, a escrita escolar passou por diferentes suportes, como o papiro e a ardósia até chegar a sua forma de hoje, em papel encadernado com diferentes recursos, grande ou pequeno, com divisórias ou não, com recursos (saquinhos porta-papel e adesivos) que o tornam mais funcional e atrativo.

Efetivamente, podemos afirmar que os cadernos são uma das “pontas do iceberg” da aula, o que permite um bom exercício de interpretação das práticas escolares a partir desse material. Ele ocorre em um jogo entre o oral e o escrito da aula, ao servir como base para o registro de sínteses de conteúdos e para as respostas aos exercícios presentes no livro; outras vezes para colar o texto mimeografado que se desdobrará em perguntas copiadas a seguir; ou ainda como agenda de tarefas posteriores.

O que define a variedade de modos de usar os cadernos escolares na contemporaneidade? A partir de condições diversas, entre elas a percepção que o professor elabora acerca do aluno como leitor e escritor, o caderno participa de formas diversas de um circuito didático de atividades que envolvem a oralidade e a escrita em sala de aula (conjunto de atividades planejadas pelo professor para compor a aula).

Ele também é uma ponta do iceberg da aula ao responder a uma ação do professor visando uma função de rememorar os conteúdos apreendidos, bem como a função de aprendizagem das regras da escrita escolar e a da divisão existente no trabalho de cada disciplina (textos e exercícios, problemas, registros de memória e tarefas).

Por conta das especificidades das formas da escrita disciplinar, há pesquisas sobre o registro em cadernos da aula de língua materna, com destaque para as características dos textos e dos exercícios de gramática, bem como de matemática, com a especificidade da apresentação de problemas e resolução de contas. No caso da aula de História, que possui grande acúmulo de conhecimento estruturado que extrapola a exposição do professor e se estrutura de forma diferenciada de outros discursos, reunindo a narrativa e a análise, constituem-se formas específicas de registro do conteúdo curricular e das formas de apreendê-lo (PROST, 2008:211-234). Que também se diferenciam da escrita histórica acadêmica,

também narrativa e analítica, porém atendendo a um público e funções diferenciados, como o diálogo e o debate entre pares (PROST: 2008: 33-52).

A escrita histórica, objeto de estudo da historiografia, aparece aqui em sua forma didatizada, visando não apenas apresentar o conhecimento histórico em sua forma escolar a um público específico, como também pretende que esse público seja capaz de repetir, de parafrasear, de raciocinar a partir do que foi explicado, como formas de se apropriar de tal conhecimento. Voltaremos a esta especificidade da escrita histórica escolar ao final deste texto.

A partir das considerações acima, me voltarei neste texto para os usos dos cadernos na aula de História, onde habitualmente os alunos copiam a matéria e realizam exercícios passados pelos professores, na maior parte das vezes escritos no quadro negro ou ditados. Em uma ou outra situação, os cadernos funcionam como formas de mediação entre o oral e o escrito e entre os escritos presentes na aula.

Apresento um exercício exploratório sobre as inter-relações entre os materiais de leitura e escrita na sala de aula de História, tendo como foco principal os cadernos escolares. Pretendo esboçar uma tipologia dos gêneros discursivos que ocupam os cadernos escolares de História, de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, atual 6º ano<sup>1</sup>. O recorte de textos produzidos nesta série escolar tem a ver com a característica de que, nela, os professores de diferentes disciplinas estão ensinando aos alunos as formas específicas de usar seu caderno, de acordo com as regras disciplinares, escolares e as regras do próprio professor. Nas séries iniciais, os alunos tinham apenas um professor, que cultivava uma orientação da forma de uso do caderno para o conjunto de conhecimentos e disciplinas. Agora cada professor vai falar e exigir uma arrumação específica, que envolve suas preferências pessoais, mas também certas características da dinâmica de sua aula e da própria disciplina. Pretendo flagrar esse movimento do professor de História.

Para tal, faço um recorte sobre corpus de textos recolhidos em pesquisa realizada em 2004 em duas escolas brasileiras, uma pública e outra particular, acerca das condições sociais e escolares presentes na compreensão dos alunos na aula de História, em suas relação constitutiva com o letramento de alunos de classes sociais diversas (ROCHA, 2006). A pesquisa teve inspiração etnográfica e com isso fizemos (eu e auxiliares de pesquisa) o

---

<sup>1</sup> Na perspectiva enunciativa de Mikhail Bakhtin, o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da vida social por meio de três aspectos: o conteúdo temático; o estilo verbal, ligado à seleção dos recursos da língua; e, sobretudo a construção composicional, o que remete à existência de enunciados com formas (construções composicionais) relativamente estáveis, que constituem os gêneros do discurso (2003).

registro das atividades da aula em caderno de campo e utilizamos um formulário específico, denominado protocolo de aula. Quando possível, pedimos cadernos de alunos emprestados para cópia xerográfica. A partir dessas condições, neste texto analiso os apontamentos presentes em cadernos de alunos de duas turmas da escola pública e da turma única da 5ª série da escola particular visando o estabelecimento de uma tipologia preliminar dos manuscritos da aula de História.

A pesquisa foi realizada em sala de aula, com a cópia pelo pesquisador das atividades passadas pelas professoras. Houve acesso e registro diferenciado aos cadernos de alunos de ambas as escolas e cópia xerográfica de algumas de suas páginas. Os materiais que servem de base a esta análise são os cadernos de uma turma da escola particular de fevereiro a início do outubro e os de duas turmas da escola pública, nos meses de fevereiro e março daquele ano, todos da 5ª série, sendo uma das turmas da escola pública de alunos iniciantes na série e outra de alunos repetentes.

### **“Quando vocês acabarem, podem sair para o recreio”**

Esta fala, ouvida diversas vezes ao longo da pesquisa, oferece algumas pista sobre a importância do caderno como objeto e sobre as práticas da aula onde se insere. Primeiramente, sua entrada em um circuito didático que tem apresenta uma relação intrínseca entre tempo da aula e atividades de ensino e aprendizagem. O aluno utiliza o caderno em determinado momento da aula, quando o professor faz a sua escrita no quadro ou dita para os alunos, o que é mais raro, especialmente neste momento de inserção do aluno nas séries finais do Ensino Fundamental. A escrita do professor e a escrita dos alunos consomem um tempo importante de uma aula de 50 até 100 minutos. Os professores levam tal fato em conta para escrever mais ou menos, já que a esta escrita sucede a cópia do aluno.

E aqui temos a segunda característica a ser considerada em relação ao uso do caderno. A importância da cópia no processo de transcrição da escrita do professor do quadro para o caderno. Via de regra, essa é uma aprendizagem atribuída ao professor e ao aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental (de distribuição espacial, de equivalência entre os espaços do caderno e do quadro, de organização e capricho).

Durante muito tempo, devido à influência de concepções pedagógicas que entendiam que a visão e a repetição motora eram a base da aprendizagem, o aluno foi levado a copiar para aprender. Não é este o caso hoje, como veremos. Apesar de representarem concepções diferenciadas de ensino-aprendizagem, as atividades analisadas que foram passadas pelos

professores para cópia no caderno visavam a cópia para alguma coisa, que ela sim, seria o agente da aprendizagem do aluno. Por exemplo, o aluno copia o texto para ler, para responder a exercícios, para estudar para a prova.

Nas duas escolas, o acesso de todos os alunos ao livro didático, bem como a disponibilidade de folhas que utilizam algum recurso de impressão (mimeógrafo, cópia xerográfica ou folha impressa de computador) são bem diferenciados, o que remete a uma arqueologia das práticas de leitura e escrita na sala de aula. Na escola particular os alunos têm livros comprados por seus pais, de acordo com a orientação da escola. Possui cadernos com a especificação dada pela escola, podendo usar cadernos ou fichários. O professor pode tanto apresentar as folhas relativas ao processo prontas para cópia xerográfica, quanto solicitar a digitação pela escola.

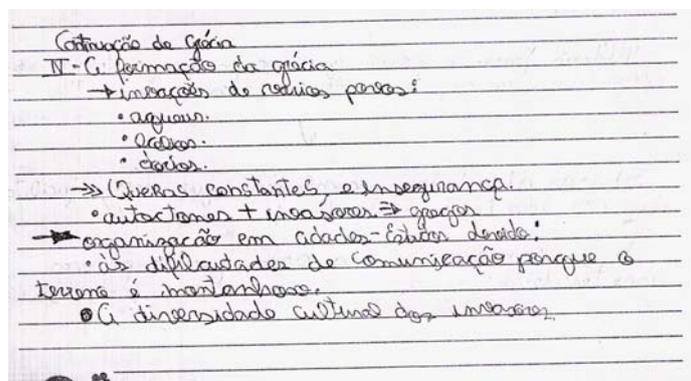
A escola pública recebe os livros do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de três em três anos, que devem ser utilizados e devolvidos pelo aluno para uso dos colegas do ano seguinte. Ocorre que, ao longo dos três anos, os livros se perdem. No ano de realização da pesquisa era o último ano do lote de livros do PNLD, o que criava a situação, muito comum nas escolas, de não haver livros suficientes para todos os alunos. O uso do caderno é semelhante ao da escola particular, pois os cadernos representam a parte menos custosa dos materiais escolares. O uso de folha de papel é restrito, com reprodução a partir de mimeógrafo a álcool e cota de cópias xerográficas apenas para provas.

Com esse conjunto de materiais diversos e possibilidades de articulação entre seus usos, as práticas que se instalam para uso do caderno se diferenciam profundamente, especialmente no que se refere à leitura e escrita de textos. O caderno se constitui como um material que tem lugar definido por diversas práticas escolares, de acordo com os outros recursos de escrita e leitura disponíveis, incluindo a representação que o professor realiza da competência de leitura de seus alunos.

Assim, na escola pública, em que os livros são mais raros e os alunos considerados genericamente como possuindo uma competência de leitura insuficiente para o enfrentamento não mediado com o texto do livro, o caderno ganha o lugar para cópia de um texto já adaptado para estudo, em parágrafos ou em tópicos de definição, como exemplificado abaixo. O texto normalmente é pequeno, visando possibilitar a cópia no período da aula. Após a cópia deste texto, há exercícios que pretendem “fixar” a matéria recuperando as informações em atividades de repetição do já dito, conforme evidenciado abaixo. Neste caso, o caderno é central como dispositivo em um circuito didático que habitualmente inclui as práticas de cópia

de texto, leitura, exercícios de fixação e correção durante as aulas ou ainda alguma tarefa remetida para casa.

Na escola particular, que parte da expectativa que o aluno possui a competência de leitura desejável e todos os alunos têm o livro solicitado pela escola, o texto com os conteúdos programáticos está presente no livro, cuja leitura é indicada antes do início do estudo, muitas vezes como tarefa de casa, e no caderno como atividade final em um circuito que passa pela leitura e atividades de aprendizagem. O texto inicial é longo, com muitos parágrafos em diferentes páginas, com as informações hierarquizadas através de títulos e subtítulos e dialoga com outros textos, como infográficos, ilustrações (ou imagens como fontes) e mapas, além de ser acompanhado de exercícios ao final dos capítulos. Essa característica do texto impresso utilizado ali vai atuar definindo um uso diferente para o caderno. O circuito didático compreende a leitura inicial no livro, respostas a questões (do livro) sobre o texto no caderno sem necessidade de cópia das questões, exposições e atividades intermediárias, atividades em folhas (que repetem esse circuito ou são apenas exercícios) e escrita coletiva de esquema final no caderno. A professora traz para o esquema final não apenas o que está no livro, mas os destaques que confere a aspectos canônicos do conteúdo programático.



Esquema parcial produzido pela professora e a turma de 5ª série (EMEM).  
Caderno de aluna

Quando compreende que há conteúdos necessários não tratados no livro, a professora oferece textos impressos para serem colados no caderno, o que será alvo de exercícios de interpretação do texto, como um questionário. Assim, essa variação no uso dos cadernos no circuito didático desta aula envolve as mesmas atividades anteriores, com a possibilidade de a leitura ser realizada eventualmente no caderno, com ajuda de materiais acrescentados a ele, como textos e esquemas mais elaborados para cópia.

### **“É só para copiar ou é para fazer?”**

Em ambas as escolas, o caderno é o lugar para exercícios ao longo do processo de ensino e aprendizagem, que envolve ações com a linguagem que se relacionam diretamente com os textos escritos disponibilizados no livro ou no caderno e com os textos orais das exposições dos professores, em que eles estabelecem as ênfases que consideram pertinentes ao trabalho com a história escolar.

Quando o professor apresenta definições ou explicações do tipo verbete: fonte histórica é ..., explora no exercício a recuperação da definição ou exemplos do que seja a fonte histórica (já oferecidos durante a explicação). Quando apresenta um texto explicativo, solicita a reprodução integral ou parcial da explicação (como cópia ou paráfrase). Às vezes, levando em conta a idade dos alunos e a possível facilidade de expressão pelo desenho, solicita desenhos e histórias que respondem como exemplos ou como forma de explicar o que entendeu. Dessa maneira, a transcrição predomina nos cadernos da aula de história das turmas acompanhadas na pesquisa. Mas existe alguma diversidade nas formas de solicitar essa transcrição. No conjunto de atividades analisadas, há exercícios de completamento de lacunas, correspondência biunívoca (ligar colunas), perguntas objetivas, solicitação de desenhos que exprimem exemplos, que remetem diretamente ao texto lido e ou explicado. Assim, uma concepção que prevalece na aula de história é a da recuperação do conteúdo programático via repetição ou paráfrase, com poucos investimentos no sentido da apropriação pessoal.

Houve também atividades preparatórias para a apresentação de conteúdo novo. Neste caso, a professora da escola pública solicitou aos alunos que fizessem desenhos em folha branca sobre os passados próximo e distante. Esses desenhos serviram de base para a escrita de quadro comparativo no quadro, copiado no caderno. Do mesmo modo, a professora solicitou aos alunos que fizessem uma redação sobre sua vida, anteriormente ao lançamento oral do tema “fontes e marcos históricos”. Esse material também foi produzido pelo aluno em folha, fora do caderno, e resultou em outras atividades no mesmo, posteriormente, como o texto de definição sobre o que são fontes e marcos na história.

Na escola particular a professora trabalhava com um circuito didático que também previa atividades durante o processo de aprendizagem e não apenas ao seu final, tal como a professora da turma 502. Os alunos eram habitualmente solicitados a ler o texto e responder a perguntas no caderno como tarefa de casa. Na sala, a professora corrigia as atividades do caderno e dava prosseguimento ao tratamento do conteúdo, com outros exercícios e leituras.

Diferentemente de ambas, a outra professora da 5ª série da escola pública, que atuava com os alunos considerados com mais dificuldades para aprender, trabalhava apenas com um circuito didático que começava com o texto (lido do livro ou escrito e copiado no caderno) e exercícios posteriores, de repetição de informações. Sua explicação por esta escolha didática foi a de que eles teriam mais dificuldades para realizar outras opções didáticas.

Assim, é possível inferir pela existência de alguns tipos de textos para leitura na aula de história que vão dos textos longos de caráter expositivo presentes no livro ou em folhas (afixadas em pastas ou coladas no caderno), textos mais curtos, copiados no caderno, que têm função semelhante ao do livro (fonte de informação inicial) e o texto oral do professor, em interação com tais escritos. Menos comuns nesta série são os esquemas que os professores utilizam ao final, como síntese conclusiva, produzidos com a colaboração dos alunos, para concluir uma fase do trabalho com o conteúdo.

No que se refere aos exercícios, se diferenciam quanto ao tipo de questão proposta: complemento de lacunas (com variações), perguntas visando respostas mais ou menos objetivas, complemento de quadros comparativos, desenhos, elaboração de linhas de tempo relativas ao conteúdo em andamento, o que vai de um nível mínimo de exigência de elaboração pessoal a um nível máximo, no conjunto das atividades. A outra diferenciação é relativa aos objetivos com os exercícios e ao tempo em que ocorrem. Quando visam obter dos alunos informações que vão ser incorporadas na explicação do professor (caso dos desenhos para elaboração do quadro comparativo e da redação sobre a vida do aluno) ocorrem antes ou ao longo do processo. Quando visam a fixação ou memorização do conteúdo ensinado-aprendido, ocorrem ao final do processo ou ao final de uma etapa do processo.

### **À guisa de conclusão**

Para efetivamente apresentar uma tipologia da escrita ordinária escolar seria necessário um espaço para detalhamento da análise que foge ao escopo desta análise inicial e o limite destas páginas. Nesta primeira aproximação tivemos chance de perceber a complexidade de cada um dos dois tipos (texto de leitura e exercícios) apresentados, o que aponta para um estudo mais aprofundado de cada um deles, em sub-tipos e gêneros. Isto ficará para outra oportunidade, mas acredito ficar evidenciada a riqueza desse conjunto de textos que povoam a aula de História, entre livros, cadernos e folhas com textos de leitura e exercícios. Eles evidenciam algumas permanências, como o antigo texto expositivo denominado “ponto”, de décadas atrás, e os questionários que os sucediam, solicitando a

repetição de informações parciais do texto. E evidenciam algumas mudanças, como a solicitação de realização de atividades que preparam o tratamento do conteúdo pelo professor, o que sugere a chegada de orientações construtivistas à sala de aula de História, solicitando conhecimentos prévios e as formas de compreensão dos alunos, para além da repetição do conhecimento apresentado.

Ane Marie Chartier apresenta o caderno como um dispositivo, a partir de leitura de noção de Michel Foucault. Em meu ponto de vista a proposta de dispositivo para pensar o escrito no circuito didático da aula de história pode ser bastante produtiva, com a observação de que o conjunto de gêneros que circulam na aula seja tomado como tal, para além do caderno, que hoje interage intensamente com outros suportes, mesmo em situação de precariedade material. Eles funcionam articulados entre si para preencher o tempo da aula e seus objetivos, a partir das condições de funcionamento da aula e de acordo com as representações que os professores atribuem aos seus alunos no que se refere às suas competências leitoras e escritoras.

Levando em conta a diferença estrutural entre os textos oferecidos à leitura dos alunos da escola pública e da escola particular, o estudo de tais textos em sua variedade e suportes se revela como uma contribuição em potencial para a compreensão acerca dos usos e formas de apresentação da história na escola, do passado e do tempo histórico, como objeto de uma historiografia escolar.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARTIER, Anne-Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In \_\_\_\_\_ *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

HÉBRARD, Jean. Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias, o espaço gráfico do caderno escolar ( França – séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, 1, 2001, 115-141.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. *O lugar da linguagem no Ensino de História: entre a oralidade e a escrita*. Tese (Doutorado em Educação). Niterói, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2006.